

**Destaque** Centenário da revista mais influente do século XX português

# Seara Nova: a vitória póstuma da imprudência

Câmara Reis atribuiu à imprudência a duração e o carácter da revista. Proença, Sérgio e tantos outros pagaram caro essa temeridade. Mas o país que se reinventou na Constituição de 1976 era em boa medida a concretização do ideário seareiro

**Luís Miguel Queirós**

O primeiro número da *Seara Nova*, que iria tornar-se a mais duradoura e influente revista de ideias do século XX português, foi lançado há precisamente cem anos, no dia 15 de Outubro de 1921, por um grupo de intelectuais apostados em resgatar o espírito republicano de 1910, que se fora esvaindo entre clientelismos partidários e golpadas militares. Raul Proença, Luís da Câmara Reis, Jaime Cortesão, Augusto Casimiro, Aquilino Ribeiro, José Rodrigues Miguéis, Mário de Azevedo Gomes ou Emílio Costa são alguns dos nomes que compuseram a primeira direcção da revista, à qual se associaria António Sérgio, regressado em 1923 do Brasil.

Para assinalar o centenário deste monumento democrático feito de papel – mais precisamente de 31.500 páginas distribuídas pelos 1604 números publicados até 1984 –, a própria *Seara Nova*, hoje propriedade da associação Intervenção Democrática, e o Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa, que já fora responsável, em 2017, pela hercúlea tarefa de colocar toda a publicação *online*, no portal Revistas de Ideias e Cultura (RIC), estão a promover um programa de colóquios, exposições e outras iniciativas, incluindo a produção de um extenso documentário realizado pela jornalista Diana Andringa – *Há 100 anos, a Seara Nova* –, cuja primeiro episódio foi transmitido ontem na RTP2, que exhibe hoje, pelas 20h30, a segunda parte.

Depois do colóquio *Os Seareiros*, que decorreu na Gulbenkian no dia 12, começa no dia 19 um programa de três dias no Museu do Aljube, cenário adequado para lembrar que foram muitos os seareiros que passaram

pelas prisões do Estado Novo. “Esta gente sofreu com a integridade que manteve ao longo de décadas”, sublinha o investigador Luís Andrade, coordenador científico das comemorações e responsável pelo portal RIC. “O Sérgio e o Cortesão foram banidos do país, e muitíssimos seareiros foram presos, incluindo o Agostinho da Silva”. Para se ter uma ideia mais nítida, entre os 50 autores com mais artigos publicados na revista, há 21 identificados como presos políticos.

Num livro dedicado à *Seara Nova* a ser lançado em breve na Imprensa Nacional, Luís Andrade nota que os intelectuais que fundaram a revista “nem conseguiram regenerar a República, nem ver a ditadura salazarista derrubada”, mas que essa “sucessão

**Se há uma constante que atravessa toda a história da Seara Nova é a defesa de uma sociedade justa, instruída e plural**

de batalhas perdidas”, que destruiu mentalmente António Sérgio, acabou por conduzir a uma vitória póstuma após o 25 de Abril, quando a Assembleia Constituinte, presidida pelo seareiro Henrique de Barros, instituiu “uma ordem política liberal e uma organização económica de fundo socialista, como Raul Proença havia requerido logo no editorial da abertura da revista”.

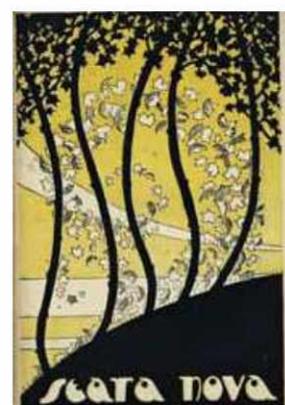
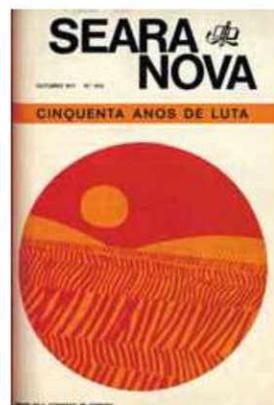
Se há uma constante que atravessa toda a história da *Seara Nova*, pelo menos até ao início dos anos 70, quando a presença do PCP começa a

tornar-se dominante, é essa defesa intransigente de uma sociedade justa, instruída e plural, repudiando quer um liberalismo económico que promovia a desigualdade, quer um dirigismo autocrático que cerceasse as liberdades individuais, fosse ele de direita ou de esquerda. Uma fonte de inspiração, assumida por Proença, veio a ser o Partido Trabalhista inglês, que chegou ao Governo em 1929.

**Idealista no mundo real**

Quando a revista foi criada, em 1921, o diagnóstico negro que os seareiros faziam do rumo que a República estava a tomar, com os governos a caírem uns atrás dos outros e movimentações militares constantes, não tardou a ver-se tragicamente confirmado. A 19 de Outubro, apenas quatro dias após o lançamento do primeiro número, estalava o golpe militar a que se chamou “noite sangrenta”, levado a cabo por republicanos radicais da marinha e da GNR, e que resultou no assassinato do chefe de Governo (o 27.º desde a queda da monarquia), António Granjo, e de dois protagonistas do 5 de Outubro, José Carlos da Maia e Machado dos Santos, o “herói da Rotunda”, entre outras figuras.

Neste cenário, como Raul Proença escrevia no editorial fundador, “A *Seara Nova* representa o esforço de alguns intelectuais, alheados dos partidos políticos mas não da vida política, para que se erga, acima do miserável circo onde se debatem os interesses inconfessáveis das clientelas e das oligarquias plutocráticas, uma atmosfera mais pura em que se faça ouvir o protesto das mais ativas consciências, e em que se formulem e imponham, por uma propaganda larga e profunda, as reformas necessárias à vida nacional”. Para tanto, prometiam os seareiros ser “poetas



**Em cima, fotografia de grupo de alguns dos fundadores da Seara Nova. Na fila de trás, as duas figuras à direita são Raul Proença, de laço, e Câmara Reis. À frente, da esquerda para a direita, Jaime Cortesão, Aquilino Ribeiro e Raul Brandão. Em baixo, duas capas da revista**

militantes, críticos militantes, economistas e pedagogos militantes”.

Um dos aspectos que distinguiam a *Seara Nova* da *Águia* de Teixeira de Pascoaes e do movimento da Renascença Portuguesa, onde quase todos os principais seareiros tinham feito o seu tirocínio, era justamente esta consciência de que o intelectual já não se podia confinar às coisas do espírito e tinha o dever moral de intervir na vida política, de ser um “idealista no mundo real”, formulação crismada por Proença num exten-



so ciclo de artigos iniciado em 1928.

Embora a Renascença Portuguesa e a *Seara Nova* comungassem no objectivo de “dotar a República de uma cultura própria”, diz Luís Andrade ao PÚBLICO, os seus programas eram opostos. Se no grupo do Porto prevalecera “uma certa noção de que os portugueses só se reencontrariam se regressassem às suas origens e à sua identidade étnica e histórica, desprendendo-se de tudo o que era posição, uma visão que tinha na saudade o seu emblema”, resume o investigador, “os seareiros achavam, pelo contrário, que o problema de Portugal era ter passado ao lado da modernidade e precisar de se pôr a par da Europa do seu tempo”.

Planeada nos gabinetes da Biblioteca Nacional, que Cortesão dirigia e onde Proença chefiava os serviços técnicos, a primeira fase da *Seara Nova* teve neste último a sua indiscutível figura de destaque. A ele se devem os textos fundamentais para a definição doutrinária da revista, e é também Proença quem persuade António Sérgio a regressar do Brasil.

Combatendo o jacobinismo dos partidários de Afonso Costa à esquerda e os integralistas à direita, Raul Proença acredita que só uma mudança de mentalidades e uma opinião

pública esclarecida, promovidas por uma elite capaz de influenciar a governação, poderiam desbloquear o país. Ainda sonha com um jornal diário, mas o grupo não tem recursos para tanto, e cria uma revista quinzenal (que em vários períodos foi semanal), distinta da generalidade das suas congéneres da época por dar primazia ao pensamento e à crítica, secundarizando um pouco as colaborações literárias e artísticas, que só mais tarde vieram a ganhar um espaço mais amplo na revista.

O objectivo de regenerar a I República gorou-se definitivamente em 1926 com a instauração da ditadura militar, que a revista combaterá desde a primeira hora. Vários dos seus fundadores envolveram-se na revolta de 3 de Fevereiro de 1926, lançada no Porto, a primeira grande tentativa de derrubar a ditadura, que provocou centena e meio de mortos. E tanto nas subsequentes conspirações contra o Estado Novo como nas candidaturas da oposição democrática, os seareiros marcaram sempre presença.

Após o 3 de Fevereiro, Proença e Cortesão foram banidos e exilaram-se em Paris. O primeiro ainda escreveu na revista até 1931, mas no ano seguinte, quando regressou a Portugal, já sofria da doença mental que o consu-

miu até à sua morte, em 1941. Coube então a Sérgio substituí-lo como rosto da *Seara Nova* ao longo dos anos 30.

Em 1939, o autor dos *Ensaios* deixou a revista, que passou a ser dirigida por Câmara Reis, que fora desde o início o seu editor e o seu esteio administrativo e financeiro. No seu longo consulado, que durou até à sua morte, em 1961, a *Seara Nova* aproximou-se um pouco mais do modelo da revista cultural. E também nesse plano é uma fonte incontornável para a história dos vários campos da criação artística portuguesa no século XX. Só na música, pense-se nos 281 artigos assinados por Fernando Lopes-Graça, ou nos 199 escritos pelo crítico de arte Adriano de Gusmão, ou ainda nas muitas dezenas de textos de Roberto Nobre ou José-Augusto França sobre cinema, ou nos 183 que João Pedro de Andrade dedicou ao teatro.

E o património da *Seara Nova* inclui ainda um vasto programa editorial, com centenas de livros publicados, incluindo algumas notáveis colecções de divulgação cultural e científica.

### A nova geração de seareiros

Em 1958, numa fase em que a revista perdia leitores e enfrentava graves problemas financeiros, Câmara Reis teve ainda a energia e o rasgo necessários para promover uma reformulação radical, confiando a *Seara Nova* a uma nova geração de colaboradores, encabeçada pelo advogado Manuel Sertório, e que veio a incluir nomes como Níkias Skapínakis, Augusto Abelaira, Lopes Cardoso ou Sottomayor Cardia. “Em Janeiro de 1959, saem com Fidel Castro na capa, no mês em que ele tinha tomado o poder”, lembra Luís Andrade para salientar a nova orientação.

Esses anos até ao 25 de Abril são um período áureo de expansão da revista, que chega a ter quase 20 mil assinantes. Uma espécie de canto do cisne, já que no pós-25 de Abril, numa fase em que é já controlada pelo PCP, perde rapidamente influência e na prática desaparece em 1978, embora continue a publicar um número por ano até 1984. Regressa depois com uma nova série que já não prossegue a numeração original, e é hoje uma publicação trimestral.

Num balanço da herança deixada pelos fundadores da *Seara Nova*, Luís Andrade assinala não apenas “a afinidade de fundo” entre o socialismo liberal seareiro e a Constituição de 1976, mas também o modo como a democracia concretizou em muitos aspectos o sistema educativo defendido na revista, ou cumpriu “o grande designio seareiro de integração de Portugal na Europa do seu tempo”.

E nestes tempos pandémicos vale a pena lembrar que, em 1958, vários seareiros tentaram trazer a Portugal o criador do Serviço Nacional de Saúde britânico, Aneurin Bevan, o que levou o regime a prender Cortesão e Sérgio, ambos já então com mais de 70 anos.

## As mulheres que também fizeram a revista

### Irene Lisboa e as seareiras: uma história que se começa a desbravar

Luís Miguel Queirós

Entre 1929 e 1955, Irene Lisboa (1892-1958) publicou 234 textos na *Seara Nova*, uns assinados com o seu nome, outros com o seu pseudónimo mais conhecido, João Falco, outros ainda como Manuel Soares (no campo da pedagogia) ou Maria Moira. “É uma quantidade impressionante de textos, que abrange todos os géneros que ela praticou: a crónica, a narrativa, a poesia, a crítica literária, os artigos de pedagogia”, salienta a ensaísta Paula Morão, especialista na obra de Irene Lisboa.

Foi também com a chancela da *Seara Nova* que a escritora e pedagoga publicou muitos dos seus livros, incluindo os volumes de poesia *Um Dia e Outro Dia* (1936) e *Outono Havias de Vir* (1937).

A revista encarregou-a ainda, no início dos anos 40, de promover um Inquérito ao Livro em Portugal, gigantesco empreendimento a que se abalançou sozinha e cujos resultados foram parcialmente publicados na *Seara Nova*, e depois compilados em livro em dois volumes.

Na sua comunicação ao colóquio *Os Seareiros*, que teve lugar no início desta semana na Gulbenkian, Morão chamou a atenção para o muito material relacionado com este inquérito que continua inédito e por estudar. “Além das respostas que recebeu, há entrevistas que fez directamente a editores e livreiros, e que tem materiais interessantíssimos”, diz a investigadora, que espera que os especialistas da sociologia do livro e da leitura venham agora a ocupar-se desta documentação.



Irene Lisboa publicou mais de 200 artigos na *Seara Nova*

Banida do ensino pelo regime, Irene Lisboa viu assim cerceada a sua vocação docente e encontrou na *Seara Nova* não apenas um lugar onde podia publicar os seus trabalhos, mas uma segunda família. “Trabalhava de manhã em casa e ia quase todas as tardes para a redacção da *Seara Nova*”, diz Paula Morão. “O seu nome não está creditado na direcção da revista, mas, além dos seus textos que publicou, fez certamente muitas outras tarefas de redacção.”

### Feminismo em 1928

Mas se Irene Lisboa foi, por assim dizer, a seareira por excelência, muitas outras mulheres se destacaram na revista. A investigadora Cecília Honório contabilizou 171 autoras, ainda que só 14 tenham publicado cinco ou mais artigos.

Se a primeira autora representada nas páginas da revista é Florbela Espanca, que ali publica um soneto logo em 1922, pelo fim da década havia já algumas colaboradoras recorrentes, como Irene Lisboa, mas também Ana de Castro Osório ou Elna Guimarães (1904-1991), que em 1928, sublinha Cecília Honório, “está já a escrever na *Seara Nova* um texto muito arrojado sobre o Congresso Feminista” que nesse ano decorria em Lisboa. A escritora e jurista denuncia no seu artigo essa “injusta e revoltante situação actual, em que qualquer homem inconsciente e analfabeto tem na vida pública uma intervenção directa, que é negada à mais culta, mais inteligente, mais altruísta das mulheres”.

“Publicando criações próprias, divulgando livros de outros autores, denunciando, muitas vezes a partir das suas próprias experiências docentes, um sistema de ensino estruturalmente atávico”, ou ainda “abordando as lutas das mulheres pelo direito ao trabalho e à educação”, enumera Cecília Honório, mulheres como Cristina Torres (1891-1975), Maria Lamas (1893-1983), Maria Archer (1899-1892), Manuela Porto (1908-1950), Alice Gomes (1910-1983), Ilse Losa (1913-2006), ou Ema Quintas Alves (1915-1993) são outros nomes que a história da *Seara Nova* não pode esquecer. E aos quais se soma uma jornalista como Helena Neves, que nos anos 70 “publicou trabalhos notáveis de crítica à modernização conservadora do marcelismo, como um artigo sobre o peso do turismo na economia do Algarve”, elogia a investigadora. Um tema, diga-se, que não perdeu propriamente actualidade.